

Suplemento Cultural

O Colégio Estadual de ontem, hoje e sempre

“O presente é tão grande, não nos afastemos, não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas”

Carlos Drummond de Andrade

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

Não sei se foi sonho ou realidade. Sei que tudo se passou como numa tela de cinema – o dia era sexta-feira, 27 de agosto de 1954, com o sol iluminando a frente do edifício de linhas modernas, saídas da cabeça de Oscar Niemeyer, gênio da arquitetura nacional. A planta fora doada ao Estado, num gesto de generosidade comum ao artista.

Subiam a rampa do palácio, destinado à formação de adolescentes, o Governador Fernando Correa da Costa, o bispo Dom Orlando Chaves, a diretora Maria Constança de Barros Machado e Wilson Martins, prefeito de Campo Grande. Todos se dirigiam para o salão de festas onde seria inaugurada a foto do Governador, pintada a óleo pelo artista Fausto Furlan. No meio da multidão estava eu com um discurso, exaltando as qualidades de um Governador que detestava protocolos e cerimônias de mais de cinco minutos. Quando me viu, foi logo dizendo – Mais um discurso? Depois, ouvi com paciência minhas palavras e até pediu o texto para guardar como lembrança. Na mesma ocasião, inaugurou-se também o retrato da diretora, que mereceu mais tarde que seu nome fosse dado ao colégio, que ajudou a fundar e que dirigiu durante longos anos com extrema dedicação e competência.

Ainda escuto os ecos da banda de música, revejo as faces risonhas de Luiz Cavalon, Nagib Raslan, Sofia Berenice, Alcídio Pimentel, Aparecida Bogalho, enquanto, em minha mente, deslizam em branco e azul os uniformes das meninas e as fisionomias suadas dos meninos, no desconforto das fardas daquele tempo.

Mudança de plano – domingo, 8 de fevereiro de 2015.

Cinquenta anos se foram na rapidez de pensamentos impregnados da saudade de um tempo, que renascia



(FOTO: PEDRO PERALTA)

‘COLÉGIO ESTADUAL CAMPOGRANDENSE’ – HOJE ESCOLA MARIA CONSTANÇA DE BARROS MACHADO. Arrojado projeto de Oscar Niemeyer, o prédio foi inaugurado na década de 50, conferindo modernidade à arquitetura local

dentro de mim, enquanto entrava no mesmo salão para comemorar as bodas de ouro de uma turma que fez daquela escola muito mais que um lar: transformou-a na razão de ser da própria vida. Convocados por Moacir Saturnino de Lacerda, líder do encontro, os alunos celebravam em clima de festa a alegria de estarem vivos e felizes no mesmo ambiente onde aprenderam não apenas noções de Português, Matemática, História e Geografia, mas a serem dignos da escola que os ensinou a organizar os pensamentos, a traçar as diretrizes de suas vidas adolescentes.

Ao penetrar no salão, todo o auditório se levantou. Foi um momento entre feliz e dolorido, aquele em que senti o coração apertado pensando em meu filho José Boaventura, que frequentou ao lado de Moacir de Lacerda, Rubens Aquino e Gunter Hans à mesma turma, e ali viu desenvolver-se seu gosto pela música, sua capacidade de criar. Ao mesmo tempo em que parecia estar subindo ao palco do “Oscar” ou do “Grammy”, para receber o prêmio de mais de 20 anos de exercício nessa escola, sofria a dor de uma perda irreparável. Não vê-lo, ao lado dos amigos, no ambiente por onde circularam tantas figuras hoje famosas nos mais diversos setores da vida, tanto política como comercial, era um punhal no fundo de meu coração.

Foi no Estadual que Moacir viu brotar da paixão, por uma colega,

a linda canção “Na Minha Canção só cabe Lucinda”, premiada num Festival de Música popular de Campo Grande. Como esquecer Marman Guimarães declamando em inglês castíssimo o monólogo “To be or not to be” sob os olhares envaidecidos do prof. Egon? Como não relembrar a cena dos moinhos de vento de Dom Quixote e Sancho Panha, em invejável espanhol, no desempenho de Geraldo Ramon e Onofre Lima? Como não relembrar Eliza Cesco no papel do Pequeno Príncipe na peça dirigida pela Profa. Valesca, e Sylvia Cesco cantando Cachito cachito mio? E os programas da Rádio Educação Rural criados pela turma do terceiro colegial sob a batuta de Lenine? As lembranças dançavam dentro de mim, mas naquele auditório nenhuma epifania, nenhum discurso pomposo, apenas o latejar de corações unidos na amizade de tantos anos nas realizações fomentadas no silêncio ou no ruído das aulas em que todos trabalhavam em equipe, sem a pretensão de se transformarem em heróis.

As emoções ganharam terreno com a chegada de Paulinho Simões, Geraldo Espindola, Lenilde Ramos, que fizeram vibrar nossos corações, quando se uniram para levar-nos no Trem de Pantanal ao país onde os sonhos viram realidade e viver é embalar-se nas cordas de uma guitarra.

Um clima de criatividade perpassava pelos corredores, invadia os pá-

“

Foram voltando a meu coração os debates nas aulas de português, as festas em várias línguas, os concursos de redação, os desfiles nas festas cívicas, as vibrações nos festivais, muitos dos quais nasceram nas aulas do Estadual (...).”

tios, tomava conta dos espaços onde os esportes fortificavam as mentes.

Foram voltando a meu coração os debates nas aulas de português, as festas em várias línguas, os concursos de redação, os desfiles nas festas cívicas, as vibrações nos festivais, muitos dos quais nasceram nas aulas do Estadual, não é mesmo, Maria Augusta Rahe?

Como esquecer a turma de Moreli, Mariza, Ceila, Edelmira, Cida, Isali, Sílvia e tantas outras que hoje são líderes na política, magistratura, no ensino e até na pecuária?

Foi nas salas do Estadual que Juvêncio, Abdala Jalad, João Pereira da Sílvia cresceram nas lides da política, na dinâmica de uma vida repleta de significado.

Termino esta crônica de saudades, dedicando-a a todos os que transformaram uma escola em meu reino particular, em minha razão de viver.

A meus colegas, a meus alunos, com quem aprendi mais do que ensinei, porque, como diz Guimarães Rosa, “Mestre não é quem ensina, mas quem de repente aprende”, repito o que afirmei em minha fala aos ex-alunos nas suas bodas de ouro no ensino do Colégio Estadual: “não nos separemos, vamos de mãos dadas”.

Fundamentos do Escotismo

ARASSUAY GOMES DE CASTRO

O escotismo é um movimento educacional para jovens, com a colaboração de adultos, voluntários, sem vínculo político-partidário, que valoriza a participação de pessoas de todas as origens sociais, raças e crenças, de acordo com o propósito, os princípios e o método escoteiro concebidos por Baden Powell.

Os propósitos do movimento escotismo são definidos na promessa escoteira, base moral que se ajusta aos progressivos graus de maturidade do indivíduo:

a) Dever para com Deus – adesão a princípios espirituais e vivência ou busca da religião que os expresse, respeitando as demais;

b) Dever para com a pátria – lealdade ao nosso país, em harmonia com a promoção da paz, compreensão e cooperação local, nacional e internacional, exercitadas pela fraternidade escoteira;

c) Dever para com o próximo – respeito e solidariedade ao próximo, participação ativa no desenvolvimento da comunidade e valorização do equilíbrio da natureza.

O método escoteiro caracteriza-se pelo conjunto dos seguintes pontos, com aplicação eficazmente planejada e sistematicamente avaliada nos diversos níveis do movimento:

1. Aceitação da promessa e lei escoteiras – todos os seus membros assumem um compromisso de vivência da promessa e lei escoteiras;

2. Aprender fazendo – educação pela ação, o escotismo valoriza: o aprendizado pela prática; o treinamento para a autonomia, baseado na autoconfiança e iniciativa; os hábitos de observação, indução e dedução;

3. Vida em equipe, denominada nas tropas “sistema de patrulhas”, incluindo a descoberta e aceitação progressiva de responsabilidade; a disciplina assumida voluntariamente; a capacidade tanto para cooperar como para liderar;

4. Atividades progressivas, atraentes e variadas, compreendendo: a) jogos; b) adestramento em técnicas úteis, estimulado por um sistema de distintivos; c) vida ao ar livre e em contato com a natureza; d) interação com a comunidade; e) mística e ambiente fraterno;

5. Desenvolvimento pessoal pela orientação individual, considerando: a) a realidade e o ponto de vista de cada membro; b) a confiança nas potencialidades de cada jovem; c) o exemplo pessoal do adulto; d) seções com número limitado de jovens e faixa etária próprias.

POESIA

ADOÇÃO

Olhe, adote uma criança
E faça um investimento
Do mais puro sentimento,
Investimento de amor.
Nem só de pão vive o homem,
Vive também de bondade.
Olhem a humanidade
Com os olhos do Senhor.

Se você for egoísta
E sempre estiver ausente,
Talvez seja um inocente
Que por isso irá sofrer.
Quantas lágrimas doridas
Que então serão derramadas,
Crianças abandonadas
Pelas ruas vão morrer.

Se não se estender a mão
Para essas pobres crianças,
Lá se vão as esperanças
Na sociedade feliz!
Terão uns mais, outros menos.
Criança passando fome,
O mundo terá um nome:
Desumano e infeliz.

Além do pão de farinha
Que, sem dúvida, é sustento,
Há outro pão, alimento
Que se chama educação.
Mas isto só é possível
A quem nasceu na miséria,
Se houver na legislação
A lei do amor, da ternura,
Instituto da Adoção.

Bem haja aquele que luta
E tem sensibilidade,
Tornando uma sociedade
Mais justa, menos hostil.
Adotar uma criança,
Seja menina ou menino,
É como entoar um hino
De grandeza do Brasil.

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

A PRIMEIRA ROÇA E OS GAFANHOTOS DE CAMPO GRANDE

J. BARBOSA RODRIGUES

O local inicialmente denominado “Mato Cortado”, devido à pequena derrubada existente em 1872, onde aportara José Antônio Pereira, vindo de Minas Gerais, em companhia de seus dois filhos e quatro agregados, e que lhes servira de pouso na noite de 21 de junho daquele ano, foi definitivamente escolhido para sua querência.

À margem esquerda do riacho Anhanduizinho, formado pelas águas dos córregos Segredo e Prosa, onde o terreno se mostrava mais firme e posteriormente instalou-se o Matadouro Municipal (Saladeiro), José Antônio Pereira ergueu provisório rancho em que se abrigava das intempéries, em companhia dos filhos e agregados.

Com a chegada da estação chuvosa, o bravo mineiro de Monte Alegre plantou a primeira roça, a fim de prover a subsistência dos pioneiros.

Em breve, a terra, que até hoje conserva a sua fertilidade, retribuía os esforços do bravo mineiro. “Em tempo curto tremulavam à viração constante, as flâmulas verdes e promissoras da primeira roça.

Por entre o milharal, outros cereais cresciam, num viço que atestava a feracidade extraordinária do solo”.

Já ia adiantada a lavoura, iniciada com entusiasmo pelos primeiros desbravadores do solo campo-grandense, quando aconteceu o primeiro contratempo, a primeira desgraça.

Enorme e escura nuvem de gafanhotos, vinda talvez da região ainda desconhecida do Chaco Paraguaio, obscureceu a luz do sol e pousou sobre o verde lençol que brotara da terra dadivosa e boa.

Eram bilhões de insetos que, num abrir e fechar de olhos, devoraram o milharal que balouçava à viração matinal e destruíram a plantação de cereais.

Outro espírito menos forte, que não o do intrépido José Antônio, talvez não tivesse resistido à tamanha prova. Todavia, “caldeado nas vicissitudes da vida, não se abateu ante a destruição”.

Livre dos insetos invasores, José Antônio volta a insistir na sua lavoura, enfrentando, agora, maiores dificuldades, pois escasseara a alimentação e a semente era pouca.

Depois, enquanto a plantação vicejava, vez por outra José Antônio arreeva o seu animal e, acompanhado por um filho ou um agregado, ia até a moradia de um vizinho, distante doze léguas, onde adquiria um novilho xucro, que naqueles tempos custava quinze mil réis, caçava-o a tiros e depois de carneá-lo trazia as postas de carne para a alimentação frugal de seus homens.

Secada ao sol, era essa carne, e a caça sempre abundante, a base da alimentação daqueles sertanejos valentes. Do mato retiravam o mel e alguns palmitos. Na roça colhiam abóboras e morangos que haviam escapado à voracidade dos gafanhotos.

Rosário Congro, que foi o primeiro a gravar em letras de forma a história inicial de Campo Grande, recolhida em grande parte na tradição oral, assim descreve, com o seu estilo agradável de poeta, os primeiros moradores da região onde mais tarde se ergueria a Cidade Morena, assim denominada pelo arcebispo poeta Dom Francisco de Aquino Corrêa, por apresentar-se sempre coberta pela poeira que os ventos levantavam dos leitos das ruas:

“Bem fácil é imaginar a tristeza que aquelas almas envolvia, quando as sombras da noite desciam sobre a terra. Um fogo no terreiro, sons plangentes de uma viola tangida com sentimento, uma cantiga dolente repassada de infinita saudade, depois... a nostalgia, o silêncio profundo do deserto.

Entrecortadas de quando em vez pelo rugido do jaguar, como eram longas as noites, sem o canto do galo anunciando o clarear do dia, e vazias as manhãs, sem o mugir do gado”.

SHERLOCK HOLMES

RAQUEL NAVEIRA

Lia para minha filha as aventuras do detetive Sherlock Holmes, personagem do cavalheiro britânico, o escritor Arthur Conan Doyle. Era um livro de capa dura preta com histórias como *O Cão dos Baskerville*, *Liga dos Ruivos* e *O Homem do Lábio Torcido*. Havia imagens coloridas de um cão soltando fogo; de Sherlock Holmes numa cabine de trem, fumando cachimbo ao lado de seu fiel ajudante Watson; de um mendigo estirado na lama, num bairro qualquer de Londres.

Gostava de ler à noite, penetrando na atmosfera de mistério e suspense. Como esquecer aquele charco sinistro, brejo enevoado, cheio de armadilhas e areia movediça? E quem seria o assassino? A mulher que gemia ao longe? O mordomo de olhar fixo? O herdeiro vindo de outras terras?

À medida que o enredo ia se desenvolvendo, mais claro ficava o poder de dedução, de interferência, de observação de pequenos detalhes pela mente brilhante de Sherlock Holmes. Eu ia pontuando, fazendo comentários, adivinhando o desfecho das situações. Minha filha, surpresa, perguntava: – Como a senhora sabe?

Sei porque analiso o ser humano. Sempre gostei de estudar Direito Penal. Não existe sociedade sem crime. A sociedade se organiza para preservar-se contra o delito e atenuar-lhe os efeitos, mas trata-se de um fato social, psicológico, em conexão com valores e fins determinantes de cada conduta criminosa. Está em jogo o problema substancial da liberdade humana. Entra também o subjetivismo: o crime aconteceu por culpa, por algum descuido, acaso,

negligência, imprudência, imperícia ou por dolo, vontade, sangue frio, cálculo, sentimentos ocultos?

Aprecio na literatura criminal o poder da investigação, o seguir e decifrar as marcas, as pegadas, as digitais, os vestígios, as provas, as pistas, os pontos que levam a desvendar os enigmas, a desatar os nós e causas dos conflitos, pois não existe crime perfeito.

Em Londres, quando entrei num trem de subúrbio e vi os estofados de xadrez azul e preto, as janelas recortando as chaminés e tijolos das fábricas cinzentas, lembrei-me imediatamente daquele livro das peripécias de Sherlock Holmes. Holmes e Watson representam a solução burguesa de Conan Doyle para colocar ordem no caos da aterrorizante expansão da civilização urbana e industrial no fim do século XIX. Como se o quadro pudesse ficar sob o controle de uma inteligência cética e superior.

Os trens continuaram correndo cada vez mais velozes, por cima e por baixo da terra, no meio de uma população mundial cada vez mais densa, mais absorta, mais excitada. A cada dia aumentam a fadiga, o tráfego sufocante, a sede de lucros, a ausência de ética, as aglomerações, manifestações, celeumas, clamores, vapores tóxicos, ganância, paixões superficiais, contingências que limitam. A cólera popular açulada até uma freama brusca no fim do túnel.

Leitoras de Sherlock Holmes, eu e minha filha percorríamos abraçadas as tramas e os trilhos, talvez nem tão assustadores como as forças que hoje nos oprimem espalhadas pelos ares. Nossas perguntas e curiosas, chegávamos até a última página.